

FUNDAMENTOS EMPÍRICOS DA RAZÃO ANTROPOLÓGICA: A CRIAÇÃO DO PPGAS E A SELEÇÃO DAS ESPÉCIES CIENTÍFICAS

Afrânio Garcia Jr.

Com saudades de Lygia Sigaud, que estimulou a redação deste artigo e contribuiu com inúmeras críticas e sugestões

Nos anos 1960, o próprio sentido do termo *antropologia*, bem como o do ofício de *antropólogo*, sofreu uma transformação bastante profunda. Desde ao menos o final do século XIX, este saber era praticado principalmente por antigos estudantes da Faculdade de Medicina, nos museus de história natural. O departamento dedicado à antropologia inscrevia-se numa totalidade composta por divisões consagradas à geologia, à botânica e à zoologia.¹ A história da humanidade era percebida como um capítulo da história do planeta e do conjunto dos seres vivos. No seio desses museus, todos os especialistas recrutados para seguir carreiras científicas tinham direito ao título de *naturalistas*, portando o avental branco — como os médicos nos hospitais — que os distinguiu dos simples mortais. Aqueles que pertenciam à divisão da antropologia eram iniciados em questionamentos, conceitos e métodos de trabalho próprios a quatro domínios do saber: a antropologia física, a arqueologia, a linguística e a antropologia cultural.

Cada domínio dava origem a um setor da divisão, favorecendo a especialização, mas todos os praticantes coletavam seus materiais por ocasião das *expedições*, que podiam incluir *naturalistas* das outras divisões do museu (geólogos e geógrafos, botânicos, zoólogos). Graças às *expedições*, os *naturalistas* constituíam *coleções*, fonte de suas publicações científicas, mas também de *exposições* abrigadas no museu para a difusão do conhecimento. O paradigma evolucionista, a princípio enraizado nas teorias de Darwin so-

bre a seleção das espécies, atravessava os diferentes domínios do saber que estudam os seres vivos.

A criação do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional do Rio de Janeiro (PPGAS/MN) instaurou uma ruptura com as práticas precedentes. Tal ruptura se manifesta em primeiro lugar no recrutamento: ele incluiria, a partir de então, os estudantes que, na licenciatura, haviam estudado as ciências humanas e sociais, como a filosofia, a história, a sociologia, a economia, a psicologia, o direito. Em segundo lugar, se ainda havia médicos, como no passado, eles já não eram selecionados individualmente e, em seguida, formados por meio do acompanhamento do trabalho científico do "mestre", mas admitidos por concurso público, juntamente com os licenciados em ciências humanas e sociais. A formação de todos privilegiava a leitura de monografias etnográficas e de artigos científicos de renome na cena internacional; de modo análogo, os estudantes eram incitados a testar as teorias mais recentes elaboradas em um trabalho de campo prolongado (*fieldwork*), tendo como modelo a antropologia social britânica desde Malinowski (1922).

Em uma época de forte tensão social, desencadeada sobretudo pelas mobilizações dos estudantes universitários, seguida por um endurecimento dos mecanismos de repressão do regime militar, em 1968, a abertura de um curso de mestrado de alto nível, possibilitando pesquisas de campo, constituiu, para o exercício das atividades intelectuais, algo como um "refúgio" privilegiado, permitindo a reconversão de jovens interessados pelas CHS e/ou perseguidos pelo regime militar. Ainda mais, tendo em vista que seu principal organizador, Roberto Cardoso de Oliveira, formado pelos filósofos da "missão francesa" na USP, via com bons olhos a proximidade da sociologia, vizinhança igualmente cultivada por Florestan Fernandes, que o introduziu nesta disciplina, nos anos 1950, pouco antes de formar seus primeiros discípulos sociólogos, entre os quais figurava o cunhado de Roberto, o sociólogo Fernando Henrique Cardoso.²

A aproximação da sociologia, ou mesmo da ciência política em vias de constituição, também se explica pela necessidade de constituir uma frente comum diante das perseguições desencadeadas contra aqueles que se definiam como cientistas sociais. Veremos a seguir que a simultaneidade das condições favoráveis à criação do curso de mestrado em antropologia (com apoio da Fundação Ford, acesso a pesquisas de campo, apropriação de uma literatura internacional inovadora) e a instauração de formas duráveis de repressão das atividades intelectuais desencadearam um forte investimento dos estudantes na renovação do ofício de *antropólogo*.

Troca de guarda-chuvas: da história natural às ciências sociais

A criação do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) significou para a antropologia social o mesmo que a criação do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ) significou para a ciência política.³ As duas organizações contaram com o apoio financeiro da Fundação Ford e se inscreveram no novo quadro normativo instituído pelos militares para o sistema de ensino. Se o regime desejava impor limites a todo pensamento crítico, promulgando leis e decretos-lei que favoreciam o afastamento dos professores e o controle estrito do acesso aos cargos de pesquisador ou de professor-pesquisador (até mesmo pela exigência de "atestado ideológico" fornecido pelo DOPS (Departamento de Ordem Política e Social), ou de fichas a serem preenchidas pelo SNI (Serviço Nacional de Informações), ele também tinha como objetivo dar impulso a uma pós-graduação de alto nível, condição tida como indispensável para o desenvolvimento científico e tecnológico, percebida como essencial ao crescimento econômico durável.

As características sociais e intelectuais dos fundadores do primeiro mestrado em antropologia social, bem como a existência de uma tradição de pesquisas de campo no Museu Nacional, tinham possibilitado projetos de colaboração com a Universidade de Harvard que precederam a criação desta nova instituição. O estudo do cruzamento dos percursos intelectuais dos "pais fundadores" do PPGAS/MN (aí incluído David Maybury-Lewis, da Universidade de Harvard, que se associou a Roberto Cardoso e a Luiz de Castro Faria neste empreendimento) deve permitir uma melhor compreensão das condições e das expectativas desta inovação institucional.

Os capitais sociais, econômicos, intelectuais e simbólicos mobilizados para tanto são em parte originários do campo acadêmico norte-americano, mas eles somente puderam exercer seus efeitos uma vez combinados com aqueles acumulados pelos professores-pesquisadores brasileiros. O aspecto multilateral do empreendimento é certamente responsável pela originalidade das atividades pedagógicas e da pesquisa posteriormente realizada. Se o PPGAS seguramente não pode ser inscrito como um filho tardio da "missão francesa" dos anos 1930, ele tampouco constituiu uma réplica tropical do PhD de Harvard e menos ainda uma invenção exclusivamente autóctone.

A hibridação foi obra dos "pais fundadores", mas a eficácia da aliança dos três antropólogos somente se torna clara se levarmos em conta suas propriedades sociais, seu acervo de experiências, seus projetos científicos e profissionais e o reconhecimento intelectual de que desfrutavam por ocasião da instituição do PPGAS.

Roberto Cardoso: a reconversão do filósofo às virtudes do trabalho de campo etnográfico

A Roberto Cardoso, seu primeiro diretor — de 1968 a 1971 — credita-se de modo unânime o papel de principal organizador do PPGAS/MN. Nascido em 1928, em São Paulo, de uma família de origem social elevada, seu percurso parece marcado pela condição de órfão aos quatro anos de idade. Seu pai fora um grande negociante, exportador de café, falecido em plena crise dos anos 30. Sua mãe pertencia a uma linhagem da nobreza imperial cuja riqueza também provinha das fazendas de café. Entre seus ancestrais figurava um intelectual português deportado ao Brasil pelo Marquês de Pombal, no final do século XVIII, que foi professor de retórica de Feijó. Durante a infância, Roberto Cardoso morou em Higienópolis, em São Paulo, onde residem famílias abastadas como a de seu futuro cunhado, e frequentou os mais reputados estabelecimentos de ensino secundário da cidade (Colégios Carlos Gomes e Rio Branco)

Parece que, em algum momento, Roberto Cardoso desejou prestar o concurso para a Faculdade de Medicina, mas acabou se decidindo por estudos de filosofia na USP, organizados, desde 1934, por professores franceses. Esta reviravolta em seu projeto intelectual encontrou forte oposição materna.⁴ Ele teve de financiar seus estudos universitários graças a um trabalho intermitente como jornalista e casou-se cedo, antes de sua formatura, com uma colega do curso de filosofia que frequentava os mesmos círculos nacionalistas que seu cunhado.⁵ No curso de filosofia da USP, ele seguiu os ensinamentos de Martial Guérault, Claude Lefort, Roger Bastide e Gaston Granger; graças a este último, ele se decidiu a aprofundar os estudos em epistemologia das ciências. Como Pierre Bourdieu assinala a propósito de sua própria formação escolar (Bourdieu 2004), o campo filosófico francês era dominado, nos anos 1950, pela fenomenologia de Merleau-Ponty ou de Sartre, com um segundo polo em epistemologia das ciências, representado pelos trabalhos de Bachelard e Canguilhem.

Era esta segunda orientação que predominava junto aos professores que foram para São Paulo. Seu colega, José Arthur Gianotti, ainda hoje um dos principais filósofos brasileiros, dedicou-se a princípio à epistemologia da matemática; Roberto Cardoso, por sua vez, escolheu examinar os fundamentos filosóficos da etnologia; ele foi o único estudante de sua turma a ter optado por uma disciplina das ciências sociais. Trabalhou com Florestan Fernandes, que tinha defendido uma tese sob orientação do etnólogo alemão Herbert Baldus, na ocasião professor na Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Foi nessa época que Florestan Fernandes — que iria suceder Roger

Bastide como titular da cadeira de sociologia da USP, quando o antropólogo francês voltou para a França para ensinar na Escola Prática (atual EHESS) — retomou várias publicações sob a forma de artigos para reuni-los em um de seus livros mais célebres, *Os fundamentos empíricos da explicação sociológica* (Fernandes 1959). Neste contato inicial com a etnologia e a sociologia, Roberto Cardoso fez uso de seus conhecimentos filosóficos para abordar uma questão que lhe era portanto familiar: a dos fundamentos das práticas científicas mais corriqueiras.

Foi sua proximidade com Darcy Ribeiro que determinou uma inflexão na carreira de Roberto Cardoso, ao impor, no que diz respeito à elaboração teórica, o primado das pesquisas de campo como já vinha ocorrendo no universo anglo-saxão. Como responsável pela “divisão de estudos” do Museu do Índio, no Rio de Janeiro, Darcy Ribeiro convidou Roberto Cardoso para integrar esta instituição no intuito de melhorar seus quadros. Roberto Cardoso mudou-se com toda a família para o Rio, em 1954, para assumir suas novas funções. Ambos beneficiaram-se da colaboração de Eduardo Galvão, único etnólogo brasileiro na época a possuir o título de PhD da Universidade de Columbia, sob a direção do brasilianista Charles Wagley. O cargo ocupado no Museu do Índio permitiu a Roberto Cardoso a realização de suas primeiras pesquisas de campo, a princípio entre os Terena, em seguida, entre os Tikuna.⁶ Paralelamente a essas estadias prolongadas entre os grupos tribais, desde 1955 Roberto Cardoso proferiu cursos nas instalações do Museu do Índio, financiados pelas agências criadas por Anísio Teixeira para promover a modernidade do sistema educativo brasileiro,⁷ como a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), o CBPE (Centro Brasileiro de Pesquisas em Educação) e o INEP (Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos), destinados a formar etnólogos a par dos debates internacionais da disciplina e dispostos a submeter as hipóteses teóricas à prova do campo etnográfico.

Em 1958, ele deixou o Museu do Índio, pouco após o terem feito Darcy Ribeiro e Eduardo Galvão, devido a inflexões na política indigenista que eles julgavam inadmissíveis. Nessa ocasião, Roberto Cardoso foi convidado por Luiz de Castro Faria para integrar o Museu Nacional. Este novo cargo permitiu-lhe levar adiante suas pesquisas etnográficas sobre grupos ameríndios e dar continuidade a seus projetos pedagógicos. A partir de 1960, com o apoio e a participação de Luiz de Castro Faria, Roberto Cardoso organizou cursos de especialização associando formação teórica e trabalho de campo obrigatório (Laraia 2008).

A orientação no sentido da profissionalização das novas gerações era clara: os futuros estudantes eram submetidos a um exame de ingresso que

atestava seu conhecimento da literatura internacional, deles sendo exigida dedicação integral aos estudos, graças a bolsas concedidas pelas agências federais e a um controle permanente da literatura ao longo dos seminários. Nessa época, a definição do domínio da antropologia era bastante estrita — todos os estudantes fizeram um trabalho de campo sobre os grupos ameríndios para produzirem suas monografias.⁸

É interessante notar que, na mesma época, em seguida aos trabalhos de Roger Bastide e de Florestan Fernandes sobre o preconceito social contra os negros no mercado do trabalho industrial de São Paulo, as pesquisas sobre o destino dos descendentes dos escravos africanos no sul do país, conduzidas pelos discípulos de Florestan Fernandes na USP, como Octavio Ianni e Fernando Henrique Cardoso, eram percebidas como produtos da “sociologia”.⁹ Tornar-se *antropólogo*, nos anos 60, era quase sinônimo de se dedicar ao estudo de um grupo particularmente desconhecido e percebido como “não integrado” à sociedade nacional: os ameríndios.

O golpe militar de 1964 não parece ter atingido as atividades do Museu Nacional, como foi o caso para muitas instituições universitárias ou centros de pesquisa. São numerosos os testemunhos da solidariedade de Roberto Cardoso com colegas ou estudantes perseguidos (Amorim 2001); mas o Museu somente será percebido como um centro de resistência intelectual após 1968, como desenvolveremos mais adiante. Entretanto, as redes de apoio de Roberto Cardoso foram bastantes abaladas, seus amigos sendo afastados dos cargos ministeriais, o que provavelmente explica a interrupção dos cursos dados desde o início dos anos 60.

O exílio forçado de seu cunhado, Fernando Henrique Cardoso, bem como o de Darcy Ribeiro, que o tinha feito vir ao Rio, por um lado, e as perseguições a Florestan Fernandes, seu primeiro mestre na disciplina, por outro, nos dão a medida do colapso de seu capital social. Data de então uma colaboração mais estreita com David Maybury-Lewis, o que permitiu, a princípio, que seus antigos estudantes — como Roberto da Matta, Roque de Barros Laraia ou Júlio César Melatti — pudessem dar continuidade a seus estudos doutorais em Harvard, o que lhe forneceu em seguida uma caução decisiva vinda de um dos centros acadêmicos norte-americanos mais prestigiosos para a obtenção do apoio financeiro da Fundação Ford. Tudo se passou como se o departamento de antropologia de Harvard e a Fundação Ford constituíssem “aliados de reposição” diante da perda de peso social e político dos círculos nacionalistas de esquerda que sustentavam seus projetos pedagógicos.¹⁰

É preciso ressaltar que, desde o momento de sua chegada ao Rio, em 1954, Roberto Cardoso pouco se preocupou com a obtenção do título de doutor, dedicando-se integralmente às publicações derivadas de suas

pesquisas de campo e às suas experiências de formação de profissionais especializados. Após 1964, pareceres aprovados pelo Conselho Federal da Educação, impondo as condições indispensáveis para a aprovação dos programas de pós-graduação — o “Parecer Sucupira” — fizeram com que Roberto Cardoso compreendesse a necessidade de possuir um doutorado. Ele o realizou na USP, sob a orientação de Florestan Fernandes, em 1966, com uma tese — *Urbanização e tribalismo: a integração dos Terena em uma sociedade de classes* (Cardoso de Oliveira 1966) — derivada de suas pesquisas recentes sobre as populações Terena residentes em cidades em expansão. Persigamos o exame destas trajetórias cruzadas, detendo-nos no percurso de David Maybury-Lewis, percurso este que o levou a colaborar com Roberto Cardoso na criação do PPGAS/MN, tornando-se diretor do departamento de Antropologia de Harvard.

David Maybury-Lewis: de Oxford (Grã-Bretanha) a Cambridge (Estados Unidos), as etnologias imperiais esquadrihadas com microscópio

David Maybury-Lewis pertence à mesma geração de Roberto Cardoso, já que nasceu em 1929, em Hyderabad, no Império Britânico (atual Paquistão), onde seu pai trabalhava como engenheiro hidráulico, ocupando importantes funções nesta região árida. Ele realizou seus estudos secundários na Inglaterra, durante a Segunda Guerra, e somente em 1948-49 foi incorporado às tropas britânicas. Seus estudos de língua francesa, espanhola e russa foram feitos em Cambridge (G. B.), onde obteve seu diploma de licenciatura em 1952.

Ele percorreu toda a Europa durante um ano e, em seguida, partiu para o Brasil, entre 1953 e 1955. Estudou etnologia em São Paulo sob a orientação de Helbert Baldus, ao mesmo tempo em que ensinava inglês em uma escola do consulado britânico. Graças a uma bolsa da Universidade, ele permaneceu entre os Sherente e os Kraho do Brasil Central durante nove meses. Suas pesquisas possibilitaram-lhe a obtenção de um mestrado na USP, versando sobre a “aculturação dos Sherente”, bem como de outro, defendido na Universidade de Cambridge, e de um terceiro em Oxford, na Grã-Bretanha. Em 1957, ele se inscreveu no doutorado em antropologia social na Universidade de Oxford, realizando pesquisas de campo entre os Akwe-Xavante, em 1958 e em 1960, posteriormente defendendo sua tese sobre aquele grupo.

Em seguida, ele partiu para os Estados Unidos, onde foi ensinar na Universidade de Harvard (1960) e, mais tarde, em 1964-65, foi admitido

como *fellow* no Instituto de Estudos Avançados de Princeton. Deste modo, aos 35 anos, Maybury-Lewis já havia passado pelos centros ingleses e norte-americanos mais prestigiosos em antropologia social e tinha conquistado o estatuto de professor associado a Harvard. Um ano após seu ingresso nesta universidade, em 1962, ele formulou o projeto Harvard-Brasil Central para estudos sistemáticos dos grupos Gê. Foi nessa ocasião que estabeleceu vínculos sistemáticos com Roberto Cardoso que permitiram o acordo Museu Nacional/ Universidade de Harvard, assinado em 10 de maio de 1963.

Este projeto vigorou de 1962 a 1966, combinado com outro, empreendido por Roberto Cardoso e financiado pelo CNPq, sobre um "Estudo comparativo das sociedades indígenas do Brasil". David Maybury-Lewis dirigiu o projeto "Gê Brasil Central" visando ao estudo sistemático dos sistemas políticos dos grupos ameríndios, à análise formal dos mitos — com o auxílio de modelos matemáticos estudados graças à informática — e à análise comparativa das organizações sociais.

Dos oito estudantes de PhD financiados por este projeto, três faziam parte do grupo formado em 1960-61 no Museu Nacional por Roberto Cardoso: Roberto da Matta (trabalhando sobre os Apinayé), Roque de Barros Laraia (sobre os Sherente) e Júlio César Melatti (sobre os Kraho).¹¹ A equipe binacional beneficiou-se de vários colóquios para discutir as hipóteses e os modelos explicativos, e este trabalho coletivo facilitou, sem dúvida, a publicação posterior das monografias. Os temas trabalhados de maneira recorrente por todo o grupo foram as formas de parentesco e de casamento, a organização por grupo de idade, as confrarias e as modalidades da fragmentação social.

Como assinalou recentemente Laraia (2008), antes mesmo de concluir sua tese de PhD, Maybury-Lewis (1960) publicou uma crítica ao famoso artigo de Lévi-Strauss "Les organisations dualistes existent-elles?" (Lévi-Strauss 1956), intitulada "The analysis of dual organizations: a methodological critique", logo seguida de uma resposta de Lévi-Strauss (1960). Uma das questões centrais da controvérsia dizia respeito ao caráter exogâmico das metades rituais dos Apinayé, questão que só ficou esclarecida pela tese de R. da Matta em Harvard, sob orientação de Maybury-Lewis (da Matta 1976 — a tese de PhD foi defendida em 1971). O diálogo crítico com as análises estruturais de Lévi-Strauss, a partir dos materiais etnográficos dos grupos Gê do Brasil Central, parece ter marcado profundamente a carreira de Maybury-Lewis; mesmo sua entrada na Universidade de Harvard, para um egresso de Oxford, não seria estranha a esta controvérsia científica (Laraia 2008:550-551).

Para dar prosseguimento a estes trabalhos de pesquisa, Maybury-Lewis e Cardoso solicitaram meios financeiros à Fundação Ford. A análise da cor-

respondência entre estes dois antropólogos, entre 1966 e 1967, mostra que o interesse primordial do britânico era o de assegurar a continuidade das pesquisas de campo. Foi Cardoso quem teve a iniciativa de falar na criação do programa de mestrado, retomando assim seus esforços anteriores. Maybury-Lewis parece ter aceitado esta ideia como contrapartida à busca de sua cooperação que, por outro lado, ampliava o alcance das reflexões feitas em Harvard.

Mas o que esteve no centro de suas preocupações foi o teste experimental das premissas da antropologia estrutural, segundo a formulação de Claude Lévi-Strauss — em particular, a propósito das organizações dualistas. Deste modo, compreende-se melhor a inflexão das orientações teóricas de Roberto da Matta por ocasião de seu PhD em Harvard, onde fez uma leitura exaustiva e sistemática das obras de Lévi-Strauss e redigiu sua tese de doutorado, posteriormente publicada como livro — *O mundo dividido*. Por conta de sua participação nos debates, em Harvard,¹² sobre a pertinência dos conhecimentos proporcionados pelo paradigma estruturalista, Roberto da Matta figurou como o principal autor brasileiro em antropologia dos anos 70 devido a seu uso criativo das proposições de Lévi-Strauss. Como professor de orientação “estruturalista”, ele demonstrou como a contribuição do pensador francês permitia ultrapassar as controvérsias técnicas sobre a nomenclatura do parentesco e sobre o sentido do totemismo, do relato dos mitos e das práticas rituais.

A hegemonia dos questionamentos e dos modelos de análise propostos por Lévi-Strauss no mundo anglo-saxão revelou-se um fator central de sua retomada no Brasil. Foi a utilização prática das hipóteses lévi-straussianas, diante do desafio de descrever etnograficamente e explicar os modos de vida e o sistema de representação dos grupos ameríndios — que nunca haviam sido objeto de estudos tão sistemáticos — que marcou a leitura das obras de ruptura do pensador francês.

Luiz de Castro Faria: a recusa da amnésia ou um naturalista compelido à especialização em antropologia social

A análise do itinerário social e intelectual de Luiz de Castro Faria deve possibilitar a compreensão do modo como as tradições de pesquisas em antropologia, no Museu Nacional, favoreciam alguns traços distintivos do PPGAS, mas também suscitavam resistências, ou mesmo oposições, em relação à formação coletiva dos aprendizes em antropologia social, adeptos fervorosos do progresso do conhecimento graças ao trabalho de campo.

Nascido em 1913, de uma geração anterior aos dois outros "pais fundadores", de uma família que, como a de Roberto Cardoso, tinha raízes na nobreza imperial, Castro Faria concluiu brilhantes estudos secundários em 1932. Parece ter ele desejado ingressar na Faculdade de Medicina, mas finalmente optou por cursos de licenciatura em biblioteconomia, escolha surpreendente para um jovem de sua origem social que concluiu seus estudos secundários no Colégio São Bento, já então um dos mais prestigiosos do Rio de Janeiro. Em 1936, ele foi admitido como *praticante* (exercendo uma profissão sem remuneração) na divisão de antropologia do Museu Nacional, sendo em seguida promovido a "assistente voluntário", em 1937.¹³ Na época, para aceitar esta condição, era preciso pertencer a uma família relativamente abastada, já que não existia qualquer tipo de bolsa ou remuneração durante o estágio probatório.

Em 1938, Castro Faria acompanhou Lévi-Strauss (Faria 2001) durante a expedição à Serra do Norte, imortalizada em *Tristes trópicos*. Esta experiência comum de colaboração científica não se prolongou;¹⁴ eles se reencontraram novamente em 1953, em Paris, por ocasião de um estágio de Castro Faria no Musée de l'Homme, a convite de Paul Rivet; mas nenhum projeto comum deu seguimento à antiga colaboração. A expedição à Serra do Norte, também conhecida como "expedição Lévi-Strauss", constituiu sua primeira experiência de campo; suas despesas foram financiadas pelo Secretariado da Cultura de São Paulo, dirigido por Mario de Andrade. Sua participação foi decidida após longas negociações entre Claude Lévi-Strauss, apoiado por Paul Rivet, e a diretora do Museu Nacional, Heloisa Alberto Torres.¹⁵ Esta última, também antropóloga, ao nomear Castro Faria como membro da missão, perseguia um duplo objetivo: responder à exigência do Conselho de Fiscalização das Expedições Científicas e Artísticas, criado em 1933, e aproveitar a ocasião para formar um aprendiz de cientista que pudesse ser recrutado pela instituição num momento posterior. É preciso ressaltar que da mesma expedição participaram Dinah Lévi-Strauss, também interessada pela organização social e pela cosmologia dos grupos ameríndios, e um médico e antropólogo físico, o Dr. Jean Vellard, que estudava os efeitos anestésicos do *curare* fabricado pelos ameríndios da Amazônia. A amplitude dos interesses científicos de Castro Faria pode ser medida por sua participação nas experiências de aplicação de *curare* em um cachorro, organizada pelo Dr. Vellard e registrada pelo primeiro em seus diários (Faria 2001).

Foi somente em 1944 que Luiz de Castro Faria passou a integrar o Museu Nacional como profissional, aí ingressando por concurso público, no qual defendeu uma tese sobre o *habitat* no Brasil, utilizando-se do material coletado em 1938, por ocasião da expedição à Serra do Norte e de muitas

outras realizadas nesse meio-tempo. Em 1948, ele integrou a Universidade Federal Fluminense, em Niterói, ministrando cursos de antropologia a estudantes de licenciatura em ciências sociais. Formado a partir de um recrutamento individualizado, submetido à boa vontade dos titulares dos cargos, privado de remunerações regulares e de perspectivas de futuro asseguradas, reduzido de fato à condição de autodidata, Luiz de Castro Faria forneceu um testemunho extremamente interessante sobre a insuficiência dos ensinamentos de licenciatura para formar profissionais em antropologia e sobre a ruptura que a formação possibilitada pelo PPGAS/MN traria, cujo mérito ele atribuiu a Roberto Cardoso (Faria 1993). Em 1968, ele se tornou diretor do Museu Nacional e dispunha de prestígio institucional na Universidade Federal do Rio de Janeiro, como participante ativo dos debates sobre a reforma universitária, desde os anos 1960.

Para demonstrar a dificuldade do diálogo com os jovens professores do PPGAS, Marília Alvim, responsável pelo setor de antropologia física, lembrava frequentemente, por ocasião das reuniões do departamento de antropologia, nos anos 1970-80, que "Luiz de Castro Faria era nosso último Franz Boas"; dito de outro modo, que ele era o único a ter sido formado e a ter praticado no campo as quatro especialidades do ofício de antropólogo: a arqueologia, a antropologia física, a linguística e a antropologia cultural. Este lembrete enfatizava que, na época, ele era o único traço de união entre os membros do PPGAS e todos os demais setores do departamento de antropologia.

A fim de termos a medida exata do caráter emblemático de sua carreira para caracterizar uma virada no ofício de antropólogo, é preciso lembrar que, por ocasião da criação da Associação Brasileira de Antropologia, durante um congresso sediado no Museu Nacional, em novembro de 1953, e confirmada por um Congresso em Salvador, Bahia, em 1955, Castro Faria foi eleito primeiro presidente desta associação profissional. Seu nome foi ainda referência central no Congresso de Recife, em 1978, para afastar um "figurão" próximo ao regime militar que monopolizava os destinos da associação, restaurando o caráter democrático da vida associativa que perdura até hoje.¹⁶

Se naquela ocasião ele pôde reagrupar em torno de sua candidatura à presidência uma diversidade tão grande de jovens pesquisadores, foi também porque sua participação nas atividades de pesquisa e de ensino do PPGAS lhe creditava a aura de erudito a par do passado deste ramo do saber e das evoluções recentes dos debates da disciplina. Sua atenção quase exclusiva, após 1968, ao domínio da antropologia social, objeto por excelência de seus seminários de pesquisa, constitui a prova mais evidente da mutação do ofício de antropólogo no Brasil. Seu incômodo, mesclado de fascínio, diante

das rupturas epistemológicas propostas pelas obras de Michel Foucault e de Pierre Bourdieu, autores lidos e incorporados ao seu estilo de trabalho quando ele já integrava o PPGAS, pode sem dúvida ser interpretado como um motor que transformou suas inquietações em programas de investigação sistemática sobre as classificações intelectuais e os modos de seleção e de consagração de paradigmas intelectuais no Brasil.¹⁷

Em 1988, por ocasião das comemorações dos 20 anos de existência do PPGAS/MN, pronunciando uma das quatro conferências ao lado dos dois outros "pais fundadores" e de Roberto da Matta, Luiz de Castro Faria intitulou a sua , de modo polêmico, sob forma interrogativa — "uma antropologia social tupiniquim?" — manifestando publicamente sua distância em relação à mudança da denominação da disciplina, ligada à sua subida na escala dos conhecimentos.

[...] Durante muitos anos a escolha recaiu em antropologia cultural [...]. Estimamos operar com hierarquias — etnografia, etnologia, antropologia cultural, antropologia social — nesta ordem, de baixo para cima. A antropologia social situa-se no topo, mas este, evidentemente, não é um dado natural. "Situa-se", aqui, significa o reconhecimento de uma hierarquia produzida. Deve se entender que foi situada. Cabe então admitir que se trata de um neologismo (Faria 1992a:70).

Durante a mesma conferência, ele já havia colocado a questão dos referentes e do autor do neologismo: "quem, em que momento, em que lugar usou esse recurso (uso dos neologismos) para se constituir como centro do próprio discurso?" (Faria 1992a:61).

Esta franqueza diante de seus pares, em junho de 1988, ilustra um dos aspectos do vínculo que unia Castro Faria a Roberto Cardoso: em 5 de dezembro de 1989, este último recebeu o título de Doutor *honoris causa* da UFRJ, e o orador desta cerimônia, o mesmo Luiz de Castro Faria, intitulou sua intervenção "A dedicação à antropologia — as quatro estações de uma via triunfal" (Faria 1992b). Se na França é o nome de Claude Lévi-Strauss que é associado à "antropologia social" como denominação de uma disciplina anteriormente praticada sob o rótulo de "etnologia", no Brasil, é o personagem de Roberto Cardoso que ocupa a posição homóloga.

Na trajetória intelectual dos dois brasileiros, a consagração da expressão "antropologia social" validou todas as etapas do percurso de Roberto Cardoso, inclusive a formação filosófica de origem, ao passo que, objetivamente, assinalava a desvalorização brutal de cerca de três quartos das experiências profissionais de Luiz de Castro Faria (correspondentes aos domínios da arqueologia,

da antropologia física e da linguística). Luiz de Castro Faria permaneceu no PPGAS/MN até o final de seus dias, sempre em atividade; este simples fato exigiu uma importante reconversão de seus investimentos intelectuais, como testemunham as numerosas publicações dos anos 2000. Ironia do destino, suas publicações dos anos 2000 são análises estruturais únicas do gênero, tendo por objeto as classificações vigentes na “tribo dos antropólogos”.

Oriundos de universos sociais, intelectuais e geográficos bastante diferenciados, a cooperação entre os “pais fundadores” supôs, para além disso, um quarto parceiro, que modificou radicalmente a situação geral: a Fundação Ford. Esta última possibilitou o financiamento de pesquisas de campo para os professores e seus estudantes, o recrutamento de professores-pesquisadores para cargos de dedicação exclusiva, o acesso a uma biblioteca dotada das obras internacionais mais recentes e de coleções completas das revistas especializadas.

As guerras palacianas do Império vistas da periferia

Yves Dezalay e Bryan Garth (2002) examinam a ação da Fundação Ford na América Latina (Brasil, Argentina, Chile e México) como um meio utilizado por uma contraelite norte-americana para criar alianças entre as elites intelectuais dos países dominados, a fim de, no centro e na periferia, derrubar as frações no poder. As transformações do campo do poder mundial são assim concebidas como oriundas de alianças com base na homologia de posições no seio dos campos de poder nacionais, sem que haja necessariamente um acordo preexistente firmado sobre as mesmas bases ideológicas. Esta sociologia do poder transnacional privilegia a materialidade das redes e de suas práticas, sem deter-se a princípio nos ideais que eles apregoam; a identidade de objetivos proclamados não parece uma base adequada para a compreensão da força ou da fragilidade de qualquer aliança. Isto não significa, de modo algum, uma falta de interesse pela retórica dos atores, já que o estudo nos Estados Unidos iniciou debruçando-se sobre a origem da corrente *Law and development* e prosseguiu com a análise dos esforços para se exportarem tais ideais, o que pôde ser compreendido como uma busca por aliados em outros campos nacionais suscetíveis de encarná-los.

A retórica da promoção dos direitos do homem, ou mesmo da restauração do Estado de direito (*rule of law*), ou das liberdades democráticas no espaço público contribuiu para a crítica dos regimes militares implantados com o apoio ativo, ou mesmo a promoção direta, dos “falcões” norte-americanos, apostando nas estratégias estritamente militares diante da Guerra Fria.

Esta defesa dos direitos do homem ou da restauração dos direitos cívicos fornece, fora dos Estados Unidos, uma ilustração da face sombria das ditaduras militares latino-americanas e proporciona uma “lufada de ar fresco” às comunidades intelectuais submetidas à asfixia; entretanto, a análise sociológica dos ativistas norte-americanos que desejavam dar consistência a uma política alternativa revela a continuidade da visão hegemônica dos Estados Unidos como grande potência.

Segundo Dezalay e Garth, a Fundação Ford trabalhava pela renovação das ciências sociais nestes países como meio de combate às internacionais comunistas e às diferentes variantes do marxismo, para assegurar a hegemonia dos saberes de Estado, ou mesmo dos sistemas de pensamento em voga no espaço público norte-americano. Em uma conjuntura tão complexa como a dos anos 1960, não eram tanto aliados com pontos de vista ideológicos idênticos o que buscavam as correntes liberais norte-americanas, mas sobretudo aqueles que favorecessem a instauração de sua hegemonia política e intelectual.

O conceito de campo de poder aplica-se tanto em escala nacional quanto em escala transnacional (Bourdieu 1989; Dezalay & Garth 2002) e permite estudar as recomposições das alianças e as clivagens em nível internacional sem precisar supor que mesmo os agentes dominantes controlam material e intelectualmente os jogos de poder em que estão inscritos. Ao mesmo tempo, este ancoramento teórico não reduz o peso social de cada ator, como se todos fossem igualmente negligenciáveis em escala internacional, na qual haveria somente coletividades representadas pelos Estados-nações ou seus embriões. O jogo das alianças e das clivagens no processo designado pela noção de mundialização deriva da homologia entre agentes oriundos e situados em cenas nacionais distintas, jamais de uma identidade comum fundada sobre condições sociais similares ou cimentada por pontos de vista partilhados diante das mesmas alternativas sociais e políticas. Consequentemente, qualquer aproximação entre atores tão diversos quanto os pensadores latino-americanos e a Fundação Ford (Pollak 1979, 1985) deve ser compreendida como uma configuração específica, na qual as estratégias de cada um podem não ser claras para os demais.¹⁸ Toda aliança é uma aposta num espaço de concorrência desigualmente opaco para os diferentes agentes, mas nunca transparente, nem mesmo para o mais poderoso dentre eles.

Quem vai utilizar quem?

A correspondência entre Roberto Cardoso e David Maybury-Lewis, conservada nos arquivos do PPGAS/MN, é bastante rica em informações a este

respeito, já que permite retraçar passo a passo as negociações que levaram à criação desta nova pós-graduação. De sua leitura, depreendem-se claramente os interesses dos dois antropólogos, inglês e brasileiro, em dar continuidade à cooperação entre o Departamento de Antropologia da Universidade de Harvard e seu homólogo do Museu Nacional: a ideia da criação do mestrado no Brasil parte de Roberto Cardoso, enquanto a aceitação de Maybury-Lewis visa dar continuidade aos programas de pesquisa efetivados sobre os grupos Gê do Brasil, ou mesmo a ampliá-los.

Para Maybury-Lewis, ela era igualmente interessante na medida em que assegurava oportunidades profissionais a três estudantes que ele havia recebido em Harvard nos anos 60-62 para um PhD: Roberto da Matta, Roque Laraia e Júlio César Mellati. Em uma longa carta dirigida a Cardoso, datada de 30 de novembro de 1966, completada por novos desdobramentos em 2 de dezembro, depois de terem conversado por telefone, Maybury-Lewis relata sua conversa com Peter Bell no Peabody Museum, em Cambridge, e instrui seu parceiro sobre o procedimento a ser adotado diante do representante da Fundação Ford no Brasil, M. Stacey Widdicombe: "Uma coisa que esqueci de mencionar em minha carta foi que Bell sugeriu que você deveria partir agora para conversar com Widdicombe e discutir sobre o projeto como um todo. É política da Fundação Ford que a iniciativa principal deva partir do país envolvido e não ser uma iniciativa externa".¹⁹

A divisão do trabalho entre a parte brasileira, senhora do jogo no que diz respeito ao ensino, e a hegemonia conservada por Harvard sobre o destino da pesquisa aparece claramente no resumo final do que foi acordado com Peter Bell, e que deveria ser retomado pelo negociador do país do qual se esperava "a iniciativa principal":

Que o projeto proposto seja dividido em duas partes, uma relativa principalmente à pesquisa e a outra ao treinamento e desenvolvimento das ciências sociais no Brasil. Eu sempre me interessei por ambos os aspectos, mas sinto que o segundo deve ser realmente coordenado do Brasil (i.e. por você). Sugiro que a pesquisa deva continuar a ser conduzida conjuntamente pelo Rio e por Harvard (i. e. por mim e por você) já que há muitas vantagens práticas e administrativas em tê-la baseada em ambos os países em um empreendimento genuinamente cooperativo.²⁰

A continuação da correspondência (Roberto Cardoso respondeu em 31 de dezembro de 1966) e as ações destinadas a criar o PPGAS mostram que esta curta síntese fornece a exata medida dos interesses da contribuição de cada parceiro ao empreendimento comum. No entanto, o início da carta res-

taura a incerteza dos atores diante do futuro, já que seria preciso conhecer melhor o sentido profundo das estratégias da Fundação Ford para afastar o medo de ser manipulado:

Francamente, cá entre nós, minha impressão da conversa foi “mais ou menos”. Parece ser uma questão de quem irá usar quem. A Fundação Ford pareceu ávida em colocar dinheiro no Brasil. Por outro lado, eu tive a impressão de que eles não estavam particularmente interessados em nossa pesquisa, mas estariam prontos a dar dinheiro para tanto se, assim o fazendo, pudessem realizar seus próprios objetivos. Eu não me preocuparia com isto se tivesse uma ideia clara de quais são estes objetivos, mas isto, como você sabe, não é fácil de se apreender.²¹

A análise estrutural do parentesco, dos ritos e dos mitos dos grupos Gê do Brasil Central era o objetivo primordial do antropólogo de Harvard, mas ele tinha o sentimento de não ter conseguido partilhar seu entusiasmo com o representante da Fundação Ford. Por outro lado, era evidente que esta agência desejava se implantar no Rio de Janeiro como mecenas das ciências sociais, e que uma rede binacional ou mesmo multinacional já existente, conduzindo pesquisas cientificamente prestigiosas, tornava-se incontornável. A antropologia social talvez não figurasse nas prioridades da agência americana — como foi o caso para a economia (Loureiro 1997) e para as ciências políticas (Canedo 2009) — mas podia ser anexada à lista das referências científicas reconhecidas no plano internacional:

Eles claramente desejavam edificar as ciências sociais no Brasil. Eu acho que eles provavelmente não tinham se preparado para ter de lidar com antropólogos sociais, mas de certa forma não tiveram outra escolha, uma vez que nos mostramos um grupo de pesquisa bastante ativo neste campo em particular. Aliás, eu suponho que eles estejam preparados para dar dinheiro para a antropologia social.²²

Contudo, ao longo de sua carta, Maybury-Lewis dá conta das reservas da Fundação Ford à cooperação do PPGAS /MN com o cunhado de Roberto Cardoso, Fernando Henrique Cardoso, cuja reputação aumentava após a partida para Santiago do Chile e as primeiras publicações sobre a teoria da dependência; as reservas provavelmente diziam respeito a todo o grupo constituído em torno de Florestan Fernandes, velho conhecido de David também, após sua passagem em São Paulo para a realização do mestrado. Assim, tornava-se claro que a Fundação Ford desejava estimular uma com-

petição científica com vistas a reorientar os desenvolvimentos das ciências sociais brasileiras e se contrapor ao paradigma marxista, quando na verdade os trabalhos deste grupo de São Paulo afastavam-se de qualquer ortodoxia comunista.

Seja como for, a Fundação Ford acabaria financiando o CEBRAP (Centro Brasileiro de Análise e Planificação) em São Paulo, centro de pesquisas dirigido por Fernando Henrique Cardoso, com quem os professores-pesquisadores do PPGAS/MN estabeleceram trocas científicas regulares, o que demonstra, mais uma vez, como as alianças e as clivagens se recompunham no dia-a-dia. O comportamento cotidiano de cada ator servia de sinal da evolução das relações de força. A correspondência dos “pais fundadores” do PPGAS é explícita sobre a tentativa de afastar os paulistas dos novos grupos de professores e pesquisadores de alto nível. A dúvida reproduzida mais acima — quem vai utilizar quem? — surge como crucial:

Além do mais, eu não tenho certeza absoluta de que a Fundação Ford esteja disposta a doar o dinheiro sem qualquer tipo de envolvimento. Fiquei impressionado quando comentei com Peter Bell que esperamos cooperar com alguns sociólogos de São Paulo, e ele respondeu que talvez o trabalho deles não seja tão bom quanto poderia ser devido à sua orientação marxista. Agora, você sabe a minha visão pessoal sobre isso e sabe que eu, por exemplo, penso que o livro do Fernando Henrique “A Metamorfose do Escravo” (sic) foi estragado por suas polêmicas de estilo marxista. No entanto, deveria ficar claro para qualquer um que tivesse a mais tênue noção sobre a sociologia brasileira que o trabalho importante desempenhado nesse campo deriva de Florestan Fernandes e das pessoas ao seu redor. É ridículo pensar que possamos de alguma forma buscar sociólogos empíricos sem visão alguma para trazer de volta os “fatos verdadeiros” sobre o Brasil.²³

Estes erros parecem significativos e nós conservamos a grafia errônea do nome de Fernando Henrique Cardoso, bem como o título incorreto de sua tese de doutorado e do livro publicado em seguida. A referência exata é *Capitalismo e escravidão no Brasil meridional* (1962), aberto por uma introdução dedicada ao método dialético nas ciências sociais. O título *Metamorfose do escravo*, igualmente publicado em 1962, na mesma coleção que aquele de Fernando Henrique Cardoso, é o da tese de doutorado de Octavio Ianni, também dedicada aos legados da escravidão no sul do Brasil e de orientação marxista. Em uma edição de 1977, Fernando Henrique Cardoso reafirmou sua condição de “discípulo da missão francesa” dos anos 30-40 e de teórico da dialética marxista:

A geração anterior à minha, de Florestan Fernandes, Antônio Cândido, Giocconda Mussolini, Mário Wagner Vieira da Cunha, Lourival Gomes Machado e tantos outros, havia renovado a vida universitária, sob influência direta dos professores estrangeiros e de homens como Fernando de Azevedo. A busca contínua de um "padrão de trabalho científico", a disciplina da pesquisa histórica e de campo, os muitos anos de contato com professores como Roger Bastide, Fernand Braudel, Pierre Monbeig, Lévi-Strauss, Emílio Willems e inúmeros mais haviam criado um modelo para a carreira universitária e para a produção intelectual. A presença de alguns dos professores estrangeiros mais o ardor dos que haviam sido formados por eles e dos que, por conta própria, fizeram esforços para substituir a tradição ensaística brasileira pela sociologia transmitiram-nos um sentido de responsabilidade intelectual que impunha trabalho árduo para a feitura das teses de mestrado e de doutoramento [...] O prefácio [...] documenta o esforço teórico e a carga pesada que era, então, afirmar a opção pela dialética marxista [...]. Florestan Fernandes, atormentado pela obsessão de desenvolver uma sociologia que não fosse constatação positiva da ordem predominante, abria uma possibilidade de justificação da dialética como um dos três métodos fundamentais: o funcionalista, o weberiano e o dialético. A maioria dos participantes do "Seminário de Marx" atribuía à dialética um *status* teórico mais abrangente, aceitando a utilização dos outros métodos em forma subordinada (Cardoso 1977 [1962]:11-12).

Os livros de Fernando Henrique Cardoso e de Octavio Ianni certamente constituíram contribuições decisivas para a afirmação do marxismo como paradigma dominante dos anos 60 até o final dos anos 1970. A Fundação Ford tinha visado, a princípio, o grupo de jovens pretendentes que iria se tornar o polo dominante das ciências sociais brasileiras no final dos anos 60. O único nome que lhes poderia fazer sombra, mas na realidade um aliado objetivo, era o de Celso Furtado.

Assim, David Maybury-Lewis formulou de maneira eloquente o absurdo que seria para a equipe de Harvard fazer coro à censura dos militares em relação à sociologia da USP: não era ela que correria o risco de fazer tábula rasa das aquisições da "Escola de Sociologia de São Paulo" e ainda menos de todos os debates preexistentes na sociologia brasileira. A lucidez nas negociações com as agências de fomento assegurou margens de liberdade à pesquisa que seria feita em seguida. A confiança no parceiro, do outro lado do oceano, é expressa ao mesmo tempo que o apelo aos seus talentos de hábil negociador para decifrar as estratégias da agência internacional e não assumir senão compromissos que assegurassem o transcurso normal do empreendimento comum:

Tudo isso tem sido bastante pessimista, por isso gostaria de concluir com uma nota mais promissora. De maneira alguma, tive uma impressão negativa de Bell ou da Fundação Ford. Além de tudo, parece-me bastante provável o fato de que eles nos darão dinheiro. O problema nesse momento é simplesmente em que medida estaremos preparados para aceitar as condições deles e eu espero fortemente que você tenha uma oportunidade de explorar esta questão com sua notória sutileza na próxima vez em que falar com Stacey Widdicombe.²⁴

A criação do PPGAS/MN supôs, conseqüentemente, a mobilização de toda a autoridade científica e institucional acumulada pelos "pais fundadores" quando de suas experiências precedentes e de seus conhecimentos dos mundos acadêmicos brasileiro e internacional, para tornar possível a continuidade das pesquisas sobre os grupos Gê e o estabelecimento de uma pós-graduação que pudesse dar seqüência aos projetos pedagógicos precedentes. Este novo organismo podia se dedicar a um ensino de alto nível, com pesquisas de campo financiadas pelas autoridades pedagógicas. Não foi por acaso que a entrada no PPGAS tenha sido percebida pelos jovens estudantes como um "ingresso no paraíso", já que os estudos pós-graduados e o campo financiados consistiam condições extremamente raras para todas as gerações precedentes.

A formação no Museu Nacional aproximava-se dos padrões internacionais experimentados por David Maybury-Lewis na Inglaterra, no Brasil e nos Estados Unidos, e contrastava fortemente com os percursos de Luiz de Castro Faria e, de certo modo, com o de Roberto Cardoso de Oliveira. Condições materiais favoráveis permitiam ampliar a experiência dos anos 1960, condições estas que já tinham possibilitado o recrutamento sobre novas bases de Roberto da Matta, Roque de Barros Laraia, Júlio César Mellatti, Alcida Ramos, Maria Andrea Loyola, Maria Stella Amorim e muitos outros. Estas dotações financeiras permitiam igualmente estender o domínio da investigação científica considerado pertinente para a antropologia social, em particular para preencher o vazio provocado pela virulenta repressão exercida contra a sociologia, a história, a filosofia ou mesmo a economia.

A voga estruturalista, em nível internacional, associada às obras de Claude Lévi-Strauss, podia assim aparecer como um signo suplementar de um novo tempo para as ciências sociais. E, evidentemente — ao contrário de uma ideia do senso comum atual — não era de fato em Lévi-Strauss que o diálogo direto com o marxismo renovado estava ausente, como o demonstra de maneira cabal o capítulo XVI de *Antropologia estrutural*. Inédito em inglês e destinado unicamente à versão francesa de sua obra (1958), Lévi-Strauss polemiza com Georges Gurvitch, Maxime Rodinson e a redação de

La nouvelle critique a propósito da noção de *estrutura social*. Trata-se do famoso texto no qual utiliza a expressão “exasperar Billancourt”, referência histórica que supõe o conhecimento da localização das bases operárias do sindicalismo CGT e do PC em Paris.

Este curto capítulo polêmico é concluído pela afirmação da convergência de sua própria abordagem com os legados dos trabalhos teóricos de Marx e Engels:

Esta não era, como vimos, a opinião de Marx e Engels. Eles acreditavam que, nas sociedades extra ou pré-capitalistas, os laços de consanguinidade tinham um papel muito maior que as relações de classe. Eu não creio, portanto, ter me mostrado infiel a seu ensinamento, ao tentar, 60 anos após Lewis M. Morgan, que eles tanto admiravam, retomar a tentativa deste último, ou seja, de elaborar uma nova tipologia dos sistemas de parentesco à luz dos conhecimentos adquiridos, desde então, por mim mesmo e por outros, no campo (Lévi-Strauss 1958:373-374).

Todas as condições pareciam reunidas para que a recepção dos legados da antropologia estrutural se tornasse um objeto científico de primeira ordem no Brasil dos anos 70. Para as novas gerações de estudantes, os desafios intelectuais somavam-se aos desafios profissionais; o profundo engajamento na reinvenção do ofício parecia uma das raras soluções diante de um espaço público marcado pela censura e que ocultava suas violências cotidianas.

O inferno no paraíso

Uma vez obtido o financiamento da Fundação Ford, é interessante acompanhar os modos de recrutamento dos professores-pesquisadores. Na correspondência trocada, já era possível notar o esboço e a adoção de uma estratégia que visava diversificar as origens dos professores recrutados, com a preocupação explícita de contrabalançar a hegemonia da antropologia norte-americana. Desse modo, foram incorporados Francisca Isabel Vieira Keller, formada na USP e autora de uma tese sobre os imigrantes japoneses; Otávio Guilherme Alves Velho, o primeiro a defender sua dissertação de mestrado no PPGAS, em 1970, e que defenderia sua tese de doutorado na Universidade de Manchester, na Grã-Bretanha, sob a orientação de Peter Worsley; Moacir Gracindo Soares Palmeira, autor de uma tese defendida na Universidade de Paris sobre o debate feudalismo/ capitalismo para caracterizar as relações sociais no campo, tratada à luz do conceito de campo

intelectual elaborado por Pierre Bourdieu; Lygia Maria Sigaud, cujas dissertação de mestrado no PPGAS e tese de doutorado apresentada na USP versavam sobre o modo como a mão-de-obra das plantações açucareiras, composta por descendentes de escravos, interpretava as transformações sociais provocadas pela aplicação dos direitos sociais. Foram igualmente recrutados Neuma Aguiar e Roger Walker, dois sociólogos formados nos Estados Unidos, bem como Paulo Marcos Amorim, etnólogo formado no PPGAS, mais próximo das problemáticas desenvolvidas por Roberto Cardoso e cujas pesquisas versavam sobre o grupo de pescadores Potiguara da baía da Traição. Além disso, o vínculo estabelecido por Roberto Cardoso com Manuel Diegues Jr., diretor do Centro Latino-americano de Ciências Sociais, facilitou a colaboração com o PPGAS do sociólogo argentino Jorge Graciarena e do antropólogo mexicano Guillermo Bonfil Batalla.

Esta listagem não exaustiva dos professores presentes no momento da criação do PPGAS (1966-68) é bastante reveladora da ampliação das temáticas julgadas pertinentes para a formação em pesquisa, afastando-se de modo decisivo da identificação entre "antropologia social" e a organização social ou a cosmologia dos grupos ameríndios do Brasil Central ou da Amazônia. Otávio Velho, por exemplo, no prefácio de sua tese de doutorado (1973) e do livro em português a que ela deu lugar (Velho 1974) agradece a Roberto Cardoso por tê-lo orientado na direção do estudo da fronteira agrícola na Amazônia e credita a David Maybury-Lewis a sugestão da comparação com outros casos históricos (EUA, URSS). A Fundação Ford também recebe um agradecimento por ter financiado suas duas estadas em Manchester, bem como o doutorado de Maria Andrea Loyola na França, ambos tendo se beneficiado de bolsas de estudos na Europa, o que lhes permitiu escapar da perseguição militar.

Ressalte-se que Luiz de Castro Faria lhe serviu como testemunha de defesa no momento em que, na UFRJ, ele foi objeto de enquetes policiais contra diversos intelectuais acusados de atos subversivos. Em um universo submetido a um clima como este, no qual a solidariedade entre os "professores" e os "aprendizes" ocorria simultaneamente em todos os planos da vida cotidiana, compreende-se melhor a profissão de fé nos destinos promissores do PPGAS/MN: "A participação no PPGAS tem sido para mim extremamente valiosa. Como está dito no prefácio original da tese, o Programa tem constituído um oásis para o estudo, pesquisa e debate em ciências sociais cuja importância só será plenamente avaliada no futuro" (Velho 1974:7).

As esperanças das novas gerações suscitavam engajamentos pessoais que ultrapassavam as simples considerações sobre carreiras profissionais finalmente abertas. É preciso sublinhar que o projeto de pesquisas concebido

e apresentado após 1966, sempre codirigido por David Maybury-Lewis e por Roberto Cardoso, tinha o significativo título de "Estudo Comparativo do Desenvolvimento Regional", privilegiando sobretudo as transformações do mundo rural ou o comércio e o artesanato das pequenas e médias cidades do Nordeste e do norte da Amazônia. Os programas dos seminários conservados nos arquivos mortos demonstram a associação do estudo dos clássicos da sociologia brasileira (Gilberto Freyre, Florestan Fernandes etc.) com os debates em torno das "sociedades camponesas", nos quais as teorias de Robert Redfield eram confrontadas com a renovação dos conhecimentos sobre a Rússia e a Europa Central.²⁵ Eram Roberto Cardoso e David Maybury-Lewis que dirigiam os seminários nos quais esta literatura era estudada de modo consequente. Luiz de Castro Faria, por sua vez, estudava nesses seminários as recentes controvérsias em "antropologia econômica", particularmente o debate entre formalistas e substantivistas no universo anglo-saxão, em seguida ao célebre livro de Karl Polanyi (1957) e sua repercussão na França, por intermédio de Maurice Godelier (1966) (Faria 2006:77-86).

Note-se que o início dos cursos no PPGAS, em agosto de 1968, precedeu em cinco meses a imposição do Ato Institucional n. 5 através do qual os militares no poder anulavam todas as possibilidades jurídicas que visavam impedir as prisões arbitrárias, cessar as torturas sistemáticas e evitar que os professores e os estudantes admitidos por concurso fossem colocados na rua pela simples publicação de uma lista emanada da alta hierarquia militar. As ciências sociais, especialmente em São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília, foram duramente atingidas. Roberto Cardoso afirmava, nessa época, que a pós-graduação em antropologia social podia constituir um refúgio para as novas gerações, "bloqueadas" em sua trajetória intelectual, desde que aceitassem dialogar, de fato, com o passado nacional e internacional da disciplina. A antropologia social constitui a partir de então, sem sombra de dúvidas, um terreno de reconversão para jovens universitários impelidos a reinventar as condições de existência de seu novo ofício.

É fundamental restituir o duplo constrangimento (*double bind*) que pesava sobre as gerações de estudantes. As condições materiais dos doutorandos eram sem equivalente no passado. Mas coitados destes "novos herdeiros" se dormissem sob seus louros: as condições das trocas universitárias e dos debates intelectuais deterioravam-se a cada dia (perseguição das editoras, fechamento de coleções, de revistas científicas, cursos e colóquios vigiados, exigência de um "atestado ideológico" para os concursos de recrutamento universitário etc.). Os desafios eram múltiplos e de envergadura: pensar esses dilemas implicando uma forma de "resistência intelectual" contra o arbítrio permitiu a certo número de estudantes aceitar condições duras de pesquisas

de campo. Adotar no cotidiano as exigências do trabalho etnográfico bem-feito, dialogar com diferentes correntes teóricas “internacionais” eram meios de poder editar as contribuições da pesquisa e de ultrapassar as barreiras institucionalizadas. Esta configuração paradoxal, que reunia condições materiais excepcionalmente favoráveis a uma forte repressão, forneceu uma pista para se compreender por que os programas de pesquisa mais inovadores tenham surgido na fase mais negra do regime militar. Para os estudantes e os pesquisadores em antropologia, o ascetismo da pesquisa substituiu a antiga disponibilidade sem limites para as manifestações públicas.

O testemunho de Roberto Cardoso, em 1988, ano em que o Brasil foi dotado de uma Constituição democrática, nos rememora seu desejo de atrair para a antropologia social indivíduos que dispusessem de títulos e competências em sociologia, história, direito, economia e que, de fato, os investissem na reinvenção do ofício de antropólogo, mais do que nunca valorizado por sua faceta de “antropologia social”:

É interessante notar, ainda com relação ao alunado, que os interesses intelectuais da grande maioria se concentravam no estudo da sociedade brasileira, apenas um ou outro se interessando por sociedades indígenas. O afluxo desses estudantes para a antropologia e para o Museu Nacional — disciplina e instituição tradicionalmente confundidas com pesquisas em etnologia indígena — é um fato que merece reflexão: sempre nos pareceu que essa procura se deveu muito ao espaço deixado vazio pela sociologia, então ensinada, no Rio de Janeiro, somente nas faculdades de filosofia, atingidas fortemente pela repressão do Estado autoritário (Cardoso de Oliveira 1992:53).

Tudo se passava como se o conjunto das condições — tanto favoráveis como desfavoráveis — da livre pesquisa em antropologia obrigasse a totalidade dos agentes mobilizados a reinventar os modos de existência de seu ofício e a fundar a pertinência de seu trabalho intelectual, tanto os antigos “mestres” como os novos “aprendizes”. O diálogo com o mundo internacional apresentava um interesse ainda mais forte diante da pretensão dos militares de monopolizarem as concepções sobre a brasilidade.

As missões científicas como móveis das disputas de poder

Em um trabalho posterior, trataremos da ameaça de desaparecimento do PPGAS/MN no momento em que o financiamento da Fundação Ford foi brutalmente limitado, em 1972, o que implicou uma forte mobilização dos

professores-pesquisadores e dos estudantes para salvar a instituição, graças a novos projetos de pesquisa e toda uma série de reorientações promovidas por Roberto da Matta, seu novo diretor.²⁶

Creio que estas demonstrações só reforçarão o sentido das análises precedentes. De fato, foi somente em 1974 que os professores-pesquisadores recrutados com as dotações atribuídas pela Fundação Ford foram integrados à UFRJ, diminuindo o estatuto precário do novo mestrado, a partir de então fortemente apoiado pela FINEP (Financiamento de Estudos e Projetos), dirigida pelo economista José Pelúcio Ferreira, oriundo dos círculos nacionalistas e que retomara a bandeira em outros tempos empunhada pelos "espíritos de Estado", como Anísio Teixeira, Celso Furtado ou José Leite Lopes. A partir daquele momento, as instituições e as agências de financiamento brasileiras reconheceram a necessidade de tornar perene o "transplante cosmopolita".

A incorporação de três novos professores-pesquisadores contribuiu ainda para a diversificação dos eixos de pesquisa pertinentes à antropologia social. Giralda Seyferth, inicialmente recrutada pelo Museu Nacional para o setor de antropologia física, dedicou-se ao estudo da relação entre a questão racial e a imigração europeia no século XIX (os contingentes alemães engendrando um novo campesinato no sul do Brasil). Gilberto Cardoso Alves Velho, a princípio professor no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS), ao examinar os estilos de vida das camadas privilegiadas ou médias do Rio de Janeiro, abriu caminho para a afirmação da "antropologia urbana".²⁷ Anthony Seeger, etnomusicólogo, próximo a Roberto da Matta durante a sua estadia na Universidade de Harvard, chegou dos Estados Unidos para reforçar o polo dos estudos ameríndios. Por fim, a partir de 1977, recrutamentos pela via do concurso público permitiram o ingresso dos primeiros doutorandos do PPGAS como professores-pesquisadores: José Sérgio Leite Lopes (diferenciação entre os operários industriais, cultura operária), João Pacheco de Oliveira (estudos ameríndios, fricção interétnica), Eduardo Viveiros de Castro (estudos ameríndios, cosmologia e parentesco), Luiz Fernando Dias Duarte (universo cognitivo dos pescadores, o psiquismo nas classes populares e nas camadas médias) e Afrânio Raul Garcia Jr. (campesinato e migrações).

Estes recrutamentos conferiram contornos estáveis à pluralidade de problemáticas, à diversificação dos métodos de investigação e de tratamento de dados de campo, à coexistência de perspectivas teóricas diferenciadas. A institucionalização do julgamento da excelência das pós-graduações pela CAPES/MEC, desde o final dos anos 1970 (atribuindo um papel-chave à figura de Roberto Cardoso, já sem qualquer vínculo administrativo com o PPGAS/MN), legitimou a qualidade de instituição pioneira e inovadora. Em

seu testemunho de 1988, ele retomou a questão da renovação da pesquisa em antropologia, associada à pós-graduação do Museu Nacional, por ele anteriormente concebida e implantada:

Apesar de não viver mais a vida do PPGAS desde agosto de 1972, quando me desliguei formalmente do Museu Nacional, sempre acompanhei as atividades do Programa e, em muitas ocasiões, participei de bancas de mestrado e de doutorado. Ademais, a experiência adquirida durante os 14 anos em que trabalhei no Museu foi-me da maior valia para organizar um programa similar na Universidade de Brasília [...] O que mais me chamou a atenção, no entanto, como indicador da absoluta consolidação do PPGAS, foi a integração de parte significativa de seus melhores graduados no seu corpo docente. É ocioso lembrar que um curso só se consolida quando produz profissionais competentes e excelentes teses e dissertações. O PPGAS atendeu plenamente a esses dois requisitos e renovou-se, admitindo em seus quadros alguns dos mais competentes graduados. Uns foram meus alunos, como Otávio Velho, Lygia Sigaud, Gilberto Velho, Giralda Seyferth, José Sérgio Leite Lopes, Afrânio Garcia e João Pacheco (este último na UnB); outros, como Luiz Fernando Dias Duarte e Eduardo Viveiros de Castro, não, mas, mesmo à distância, pude acompanhar o sucesso de todos eles em suas carreiras de professores do PPGAS e de autores de valiosas contribuições à antropologia (Cardoso de Oliveira 1992:54-55).

Ele conclui seu testemunho sobre estas atividades pedagógicas no seio do PPGAS com um reconhecimento da dívida para com seu sucessor, Roberto da Matta, que precisou enfrentar o desafio da institucionalização definitiva desta pós: "Julgo ser de justiça reconhecer que o papel de Roberto da Matta — a par da boa antropologia que sempre ensinou — foi o de dar a arrancada para a consolidação do PPGAS, auxiliado naturalmente por seus colegas" (Cardoso de Oliveira 1992:56).

A odisseia dos pais fundadores

Ao deixar o Museu Nacional, em 1972, após um desentendimento com o diretor a propósito dos critérios estabelecidos para a promoção na carreira docente (Cardoso de Oliveira 1992:55), Roberto Cardoso empreendeu uma estadia de um ano na Universidade de Harvard, graças a uma bolsa concedida pela Fundação Ford.²⁸ Por ocasião de seu retorno, a convite de Roque de Barros Laraia, ele organizou a pós-graduação em antropologia social da Universidade de Brasília, em 1972, tornando-se, em seguida, diretor do Departamento

de Ciências Humanas (1973-1975) e, posteriormente, diretor do Instituto de Ciências Humanas desta universidade (1980-1985). Seu périplo não terminou por aí, já que ele ainda contribuiu de modo decisivo para a organização do doutorado na UNICAMP, desde o fim de 1984 (Debert 2006; Correa & Laraia 1992; Amorim 2001). Sendo assim, ele esteve diretamente implicado em três das quatro formações reconhecidas pela CAPES como paradigmas de excelência, a exceção sendo a Universidade da qual era oriundo: a USP.

Este “discípulo incontestado da missão francesa” dos anos 1930-40 sempre sublinhou sua fidelidade à sua instituição de origem na obtenção de seus diplomas, como o fizeram igualmente seu cunhado, Fernando Henrique Cardoso, e sua cunhada, a antropóloga Ruth Leite Cardoso, ou ainda o filósofo José Arthur Gianotti. Para tanto, e ainda que seu trabalho seja marcado pelo vínculo direto com Florestan Fernandes — particularmente no que diz respeito às problemáticas escolhidas — ele jamais foi percebido como membro da “escola paulista de sociologia”. Sua proximidade com Florestan Fernandes era tal que o célebre livro deste último — *O negro no mundo dos brancos* — parafraseou o título da tese de doutorado de R. Cardoso, com sua autorização explícita (Amorim 2001).

Seu percurso de envergadura nacional, sem ser assimilado a uma única metrópole universitária, contribuiu igualmente para sua imagem de personagem decisivo da institucionalização da antropologia social como ofício ligado ao exercício da pesquisa científica no Brasil.

Não desenvolveremos aqui a análise da carreira dos professores da USP.²⁹ De todo modo, a instalação final de Roberto Cardoso na UNICAMP e não na USP contribuiu para sublinhar a diversificação do ensino de alto nível no interior do próprio estado de São Paulo; seu percurso como empreendedor schumpeteriano de doutorados em antropologia social revela a rapidez e a intensidade da expansão deste campo disciplinar. Ainda é preciso observar que, para além das passagens por direções de associações científicas, ele criou o *Anuário Antropológico*, que dirigiu de 1976 a 1985; deste modo, promoveu diretamente a instauração de instrumentos de transmissão de conhecimento profissional e de comunicação da pesquisa de ponta em escala propriamente nacional. Retrospectivamente, a criação do PPGAS/MN pode parecer menos como resultado da mobilização de todas as suas aquisições precedentes para enfrentar os desafios científicos em plena ditadura militar — estabelecendo alianças com autores posicionados nos altos cargos do mundo acadêmico norte-americano — do que como um atestado de sua vocação para inovar em matéria institucional (Amorim 2001:15-36).

Ora, o interesse dos jovens antropólogos de Harvard pelo parentesco e pela cosmologia dos ameríndios do Brasil Central tinha origem na con-

trovéria científica desencadeada em revistas europeias a propósito de uma questão tão específica quanto a pertinência das organizações dualistas para o entendimento de sociedades apoiadas sobre estruturas de parentesco. Nenhum ator, por mais importante que fosse, jamais controlou o conjunto dos parceiros interessados no prestígio crescente da antropologia social, e a evolução do processo de institucionalização, como podemos constatar, jamais pode ser reduzida aos projetos de um único agente ou de um único grupo preciso.

Vejamos a seguir o itinerário de seu parceiro internacional, David Maybury-Lewis. Após alguns meses passados no Rio, em 1967, em companhia de Roberto Cardoso, a fim de dar forma ao projeto do PPGAS/MN, ele tornou-se consultor da Fundação Ford e, sobretudo, um dirigente central do Departamento de Antropologia da Universidade de Harvard. Ele consolida sua imagem de pensador preocupado com o destino das populações estudadas pelos antropólogos, particularmente ao criar uma das primeiras ONGs em defesa das culturas ameríndias ou "primitivas": a *Cultural Survival* (Davis 2008). A colaboração com o brasileiro, firmada em 1962, estendeu-se por todo período de périplo institucional de Roberto Cardoso — aliança durável mesclada a uma amizade que durou até a morte de ambos, em 2008 (Cardoso de Oliveira 2008).

Deve-se ressaltar que os vínculos entre a Universidade de Harvard e o Programa de Doutorado da Universidade de Brasília são ainda mais significativos que com o PPGAS/MN já que, entre os professores-pesquisadores de Brasília, o número de titulares de um PhD de Harvard é mais numeroso do que no Rio e até mesmo do que em São Paulo.³⁰ Entre eles figura Luiz Roberto Cardoso de Oliveira, primogênito do pioneiro do PPGAS/MN, que fez seu mestrado nesta instituição, sobre agricultores do Mato Grosso e defendeu seu PhD em Harvard, sobre as diferenças jurídicas e a reparação moral em um tribunal no Canadá.³¹ Marisa Peirano, desde a obtenção de seu PhD em Harvard e ao longo de todo o seu percurso científico na Universidade de Brasília, e de sua colaboração com os colegas do Museu Nacional, problematizou com vigor o vínculo intelectual entre antropólogos brasileiros e norte-americanos (Peirano 1981, 1992, 2008).

À guisa de conclusão, é justamente quando ela é concebida como uma cristalização de um nódulo de uma rede mundializada, conhecendo uma formidável expansão, tanto em escala brasileira quanto internacional, que a gênese social e intelectual do PPGAS/MN parece melhor esclarecida. Esta última é também um indício da diversificação do campo da antropologia contemporânea, revelador de seus modos de existência mundializados³² e das modalidades de enraizamento nacional deste saber.

Hipóteses universais e recursos institucionais para testá-las

Do mesmo modo que a evolução da controvérsia científica iniciada pelo debate entre David Maybury-Lewis e Lévi-Strauss, implicando a implantação do projeto Gê Brasil Central, uma análise interna de *Tristes trópicos* poderia mostrar como o enunciado das hipóteses da antropologia estrutural deriva não somente do recrutamento de Lévi-Strauss, por ocasião da fundação da USP, mas sobretudo de sua estadia nos Estados Unidos durante a 2a. Guerra Mundial, abrindo caminho para a colaboração com Jakobson, bem como para suas viagens à Ásia como colaborador da UNESCO. Tudo leva a crer que a recepção da antropologia estrutural se deva mais à hegemonia das práticas intelectuais do universo anglo-saxão do que a qualquer intercâmbio bilateral entre a França e nosso país. De qualquer forma, nosso estudo pode servir para se ficar alerta contra as explicações excessivamente fáceis para a difusão de novos paradigmas científicos, sublinhando os questionamentos e métodos de observação que a sociologia dos atores engajados nas controvérsias científicas internacionais pode suscitar. Longe de nos afastarmos dos enunciados presentes nas obras de ruptura, a sociologia dos atores e das instituições em que exercem seu ofício constitui algumas vezes o único antídoto que permite ultrapassar o obstáculo dos mitos de origem de uma comunidade intelectual.

Como nos mostrou Gaston Bachelard, para dar conta da adoção de novos modos de pensar e da prática de qualquer ciência, é preciso compreender o conjunto dos meios mobilizados para este fim, materiais ou intelectuais. Como o demonstra a implantação do projeto Harvard/ Brasil Central, estas operações científicas dependem mais do acesso a fontes materiais e recursos institucionais do que do exercício do pensamento especulativo.

A restituição das condições sociais para enunciar e estabilizar um novo paradigma científico é um complemento indispensável à inteligibilidade do laço entre crítica interna das teorias pré-existentes e práticas intelectuais que permitem ultrapassar os limites precedentes (Heilbron 2006). O estudo das características sociais e intelectuais dos participantes de controvérsias científicas, de suas alianças e de suas clivagens, de sua cooperação, constitui sem dúvida um bom revelador do modo como as relações de poder transnacionais inscrevem suas marcas na evolução dos modos de pensar ou dos sistemas cognitivos (Love 1996; Karady 2008). Se toda pesquisa científica visa estabelecer hipóteses de validade universal, parece completamente vã a limitação do olhar sobre a circulação das ideias a relações bi-nacionais, por mais intensas que possam ter sido no passado.

A este respeito, podemos nos perguntar se a "Missão Francesa" dos anos 30 seria apenas tributária do universalismo da ciência ou se, ao contrário,

não estaria vinculada também a pretensões hegemônicas, tal como a cooperação promovida mais tarde pela Fundação Ford. Ela não estaria inscrita no seio dos jogos de concorrência internacionais pela excelência no domínio científico, como qualquer missão civilizatória? Parece ser mais prudente seguir o conselho de Claude Lévi-Strauss (1958), formulado há cinquenta anos, para decifrar a estrutura profunda dos mitos de origem: o de examinar o conjunto das versões encontradas, mesmo as mais contraditórias. Longe do registro poético e das interpretações de estados de espírito do observador imparcial, a dúvida cartesiana ressurgue inevitavelmente : em que latitude exata os "trópicos" tornam-se invariavelmente "tristes"?

Recebido em 15 de setembro de 2009

Aprovado em 22 de setembro de 2009

Tradução de Roberta Ceva

Afrânio Garcia Jr. é antropólogo. Mestre de conferências na EHESS. E-mail: <garcia@ehess.fr>

Notas

¹ Esta era a estrutura do Museu Nacional, no Rio de Janeiro, a do Museu Goeldi, em Belém, e a do Museu Paulista, homólogo das evoluções do Museum em Paris e de equivalentes no Reino Unido, na Alemanha ou nos Estados Unidos.

² Para o itinerário social e intelectual de F. H. Cardoso, ver Garcia Jr. (2004).

³ Sobre a ciência política, cf. L. Canêdo (2009).

⁴ A imagem reproduzida por M. S. Amorim, em sua esclarecedora biografia de R. Cardoso, menciona uma "dama educada segundo os costumes imperiais, marcada pelo ascetismo religioso e ostentando uma rígida moral até sua morte, em 1997, aos 99 anos de idade" (Amorim 2001:16), mas resignada em ver seu filho passar num concurso para uma empresa pública, como o Banco do Brasil, para assegurar o futuro familiar. Desde os anos 1930, a expansão do mercado dos cargos ou de empresas públicos favorecia as estratégias de reconversão dos descendentes das elites agrárias ameaçadas de declínio (Miceli 1981; Garcia Jr. 1993).

⁵ Para maiores detalhes sobre a carreira política do General Leônidas Cardoso, sobre sua linhagem e os engajamentos políticos do jovem Fernando Henrique Cardoso, ver a bibliografia analisada em Garcia Jr. (2004).

⁶ Um ano após seu ingresso no Museu, R. Cardoso de Oliveira começou a publicar artigos sobre os Terena, condensados em um livro (1960) sobre sua "assimilação". No ano seguinte, já no Museu Nacional, ele deu início às publicações sobre os Tikuna, base de seu livro de 1964, *O índio no mundo dos brancos*. Uma bibliografia mais completa figura em Amorim (2001) e Correa & Laraia (1992).

⁷ Ver os textos de A. M. Almeida e de A. Bittencourt (2009) para o papel central destes organismos na construção do sistema educativo brasileiro nos anos 50 e 60. Estes cursos já eram nomeados "cursos de especialização em antropologia social", sob o patrocínio do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Brasil (atual UFRJ). Segundo Laraia (1992:19), na ocasião, a substituição da expressão "antropologia cultural" já havia suscitado resistências e mesmo acusações de beneficiar consideravelmente a sociologia. A importância desses cursos para as relações entre o indigenismo e a antropologia é estudada por Lima (2002).

⁸ Com uma única exceção, Alcida Ramos, atualmente conhecida como etnóloga especializada em grupos ameríndios, mas que, na época, realizava seu campo junto a uma comunidade de imigrantes portugueses, sob a orientação de Castro Faria.

⁹ O que se distanciava da tradição brasileira, já que os trabalhos de Gilberto Freyre, nos anos 30, eram considerados *antropológicos*, bem como os de Arthur Ramos, o titular da cátedra na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, desde o final dos anos 1930.

¹⁰ Consultem-se os arquivos do PPGAS/MN — dossiês dos professores. Trata-se da fonte comum a todos os C.V. utilizados aqui. Esta constatação somente dá conta dos desafios objetivos com os quais Roberto Cardoso era confrontado; as convicções pessoais e as atitudes não parecem ter mudado nessa época, muito pelo contrário. Veremos em seguida — como demonstram os arquivos — que R. Cardoso e D. Maybury-Lewis aproximaram-se da agência de financiamento norte-americana com profunda desconfiança em relação aos objetivos da Fundação Ford.

¹¹ Roberto da Matta integrou o PPGAS/MN e sucedeu Roberto Cardoso de Oliveira em sua direção. Roque Laraia e Júlio César Melatti fizeram suas carreiras nas pós-graduações da Universidade de Brasília. O mestrado em antropologia social nesta última universidade foi criado em 1972, com a transferência de Roberto Cardoso do Rio para a nova capital. Laraia e Melatti assistiram a vários seminários na Universidade de Harvard, mas suas teses de doutorado foram defendidas na USP. Roberto da Matta foi o único de sua geração a obter um PhD em Harvard.

¹² Mariza Correa, em sua história da antropologia no Brasil (1960-1980), sublinha o lugar especial ocupado por Roberto da Matta no projeto Harvard Brasil Central, por ter escolhido estudar “a anomalia apinayé” (Correa 1995:85-89). A construção da pertinência teórica de seu objeto de pesquisa é examinada em detalhe no primeiro capítulo de sua monografia (da Matta 1976).

¹³ Os dados são baseados em seu CV fornecido ao PPGAS e em seu testemunho publicado em livro (Faria 1993:2).

¹⁴ Como foi o caso para a relação mais tardia entre Cardoso e Maybury-Lewis, talvez também por conta da Segunda Guerra e da partida de Lévi-Strauss para os Estados Unidos, o que o impediu de retornar ao Brasil. Em *Tristes trópicos*, Lévi-Strauss narra que, uma vez desmobilizado, ele compreendeu que, como judeu que era, seu campo de ação estava ameaçado. Ele tentou imigrar para o Brasil, mas o embaixador Souza Dantas, obrigado a seguir as instruções recentes contra a imigração judia, não pôde lhe conceder o visto (Lévi-Strauss 1955/1984:17-18).

¹⁵ Para o detalhamento e a reprodução de documentos de época, ver Faria (2001).

¹⁶ Para a documentação fotográfica das reuniões brasileiras de antropologia, ver Correa (2003).

¹⁷ Eu explorei esta pista interpretativa (Garcia Jr. 2006). A ruptura de Faria com sua própria formação e seus valores intelectuais de origem torna-se manifesta em seu livro sobre Oliveira Vianna (Faria 2002).

¹⁸ Sergio Miceli (1993, 1995) estudou a implantação da Fundação Ford no Brasil nos anos 60 e a sua contribuição à diversificação e à profissionalização do campo das ciências sociais.

¹⁹ “One thing I forget to mention in my letter was that Bell suggested you should go now to Widdicombe and talk over the whole project. It is Ford Foundation policy that the major impetus should come from the country concerned and not be an outside initiative”.

²⁰ “That the proposed project be divided in two parts, one concerned primarily with research and one concerned primarily with training and development of the social sciences in Brazil. I have always been interested in both aspects but feel that the second should be firmly directed from Brazil (i.e. by you). I suggested that the research should continue to be directed jointly by Rio and Harvard (i. e. by you and me) as there were many practical and administrative advantages in having the research based in both countries and a genuinely co-operative venture”.

²¹ “Frankly and between ourselves my impression of the conversation was “mais ou menos” (sic). It seems to be a question of who is going to use whom. The Ford Foundation appeared to be eager to put money into Brazil. On the other hand I got

the impression that they were not particularly interested in our research but would be prepared to give the money to it if in so doing they could accomplish their own purposes. I would not mind this at all if I had a clear idea of what their own purposes were, but this, as you know, is not easy to acquire".

²² "They clearly wish to build up the social sciences in Brazil. I think they would probably have prepared not to have had to deal with social anthropologists but are faced, to a certain extent, with no other choice since we appear to be most lively research group in this particularly field. Therefore I suppose they would be prepared to give money to social anthropology".

²³ "More over I am not absolutely certain in my own mind that the Ford Foundation is willing to give money with no strings attached. I was amazed when I mentioned to Peter Bell that we hope to cooperate with some of the sociologists in São Paulo and he replied that perhaps their work was not as good as it might be because of its Marxist orientation. Now, you know my own view on this and you know that I for example thought that Fernando Enrique's book *A metamorfose do escravo* (sic) was spoiled by his Marxist style polemics. Nevertheless it should be clear to anybody who has the slightest knowledge of Brazilian sociology that the important work being done in this field stems from Florestan Fernandes and the people whom he has gathered around him. It is ridiculous to think that we are somehow going to procure empirical sociologists with no views on anything to bring back the 'true facts' on Brazil".

²⁴ "All of this has been pessimistics so far, so I want to end on a more cheerful note. I did not by any means have a negative impression of Bell or of the Ford Foundation. Furthermore it seems to me to be very likely that they will give us money. The problem at this moment is simply whether we will be prepared to accept their conditions and I do hope that you will have an opportunity to explore this matter with your customary subtlety when you next talk to Stacey Widdicombe".

²⁵ Das duas obras de referência (Chayanov 1925 e Wolf 1966), a primeira foi traduzida graças à EPHE, em 1966, e a segunda foi publicada no mesmo ano nos EUA, sendo logo editada em português pela Zahar.

²⁶ Para os argumentos centrais, cf. Leite Lopes 1992. Mariza Correa (1995:44-45) restitui a importância do projeto de pesquisa intitulado "Emprego e mudanças socioeconômicas no Nordeste", coordenado por Moacir Palmeira, para assegurar a continuidade da pós-graduação por intermédio do financiamento de programas de pesquisas empíricas de grande alcance. Estando, por essa época, José Sergio Leite Lopes e eu como técnicos da FINEP, desejo em texto futuro combinar retomadas de dados de arquivos com testemunhos pessoais.

²⁷ Seu doutoramento na USP, que implicou um doutorado sanduíche nos EUA, versava sobre grupos de consumidores de drogas leves. Ele apoia, dali por diante, suas problemáticas nas obras de Erving Goffman e Howard Becker, editadas a seus cuidados após seu retorno dos Estados Unidos.

²⁸ *Post doctoral fellowship*, de janeiro de 1971 a fevereiro de 1972 (Cardoso de Oliveira R. 1999:51-58).

²⁹ Poderíamos lembrar, por exemplo, que Maria Manuela Carneiro da Cunha, única doutoranda brasileira a ter trabalhado sob orientação de Lévi-Strauss, também teve papel fundamental na renovação da etnologia brasileira. Contudo, seu percurso, como aquele de outros defensores do estruturalismo, não se reduz, de modo algum, ao simples prolongamento dos vínculos estabelecidos nos anos 30-40. A história desta disciplina na USP é examinada por Mariza Correa (1995:53-65); o quadro que recapitula a composição do corpo de professores (idem:64) demonstra que, com a exceção de Emilio Willems, doutor pela Universidade de Berlim, e M. M. Carneiro da Cunha, os outros 24 professores-pesquisadores defenderam suas teses na USP. Este índice de autorreprodução não é atingido por nenhuma outra pós-graduação no Brasil.

³⁰ A pós-graduação da Universidade de Brasília reagrupa o maior número de professores titulares de um PhD da Universidade de Harvard, ou mesmo de doutorados americanos.

³¹ O longo ciclo de reciprocidades generosas, descrito por Marcel Mauss, esclarece a acolhida de Biorn Maybury-Lewis nas pesquisas conduzidas por Moacir Palmeira sobre o sindicalismo de trabalhadores rurais no Brasil, no Museu Nacional, permitindo assim ao filho mais velho de David constituir um banco de dados sobre o sindicalismo camponês brasileiro e de redigir seu PhD nos Estados Unidos em um departamento de ciências políticas (Maybury-Lewis 1994).

³² Para uma versão bastante pertinente a partir da Índia, cf. Bétéille (2007).

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Ana Maria de. 2009. "Le langage autorisé pour penser le système éducatif". *Cahiers de la Recherche sur l'Éducation et les Savoirs*, Hors-série, 2:33-55.
- AMORIM, Maria Stella. 2001. *Roberto Cardoso de Oliveira, um artifice da antropologia*. Brasília: Paralelo 15/CAPES.
- BACKES-CLEMENT, Cathérine; COPANS, Jean; GODELIER, Maurice; TORNAY, Serge. 1971. *L'anthropologie, science des sociétés primitives?* Paris: E. P. Denoël.
- BETEILLE, André. 2007. "Être anthropologue chez soi: un point de vue indien". *Genèses*, 67:109-130.
- BITTENCOURT, Agueda. 2009. "Anísio Teixeira: origines internationales d'un nationalisme pédagogique". *Cahiers de la Recherche sur l'Éducation et les Savoirs*, Hors-série, 2:33-55.
- BOURDIEU, Pierre. 1989. *La noblesse d'État*. Paris: Édition de Minuit.

- _____. 1990. "Les conditions sociales de la circulation internationale des idées". *Romanistische Zeitschrift für Literaturgeschichte / Cahiers d'histoire des littératures romanes*, 1-2 :1-10.
- _____. 2004. *Esquisse pour une auto-analyse*. Paris: Raisons d'Agir Éditions.
- CANEDO, Leticia. 2009. "Les boursiers de la Fondation Ford et la recomposition des sciences sociales brésiliennes. Le cas de la science politique". *Cahiers de la Recherche sur l'Éducation et les Savoirs*, Hors-série, 2:33-55.
- CARDOSO, Fernando Henrique. 1962. *Capitalismo e escravidão no Brasil meridional*. São Paulo: Paz e Terra (2ª edição: 1977).
- _____. 1982. *A universidade da comunhão paulista*. São Paulo: Cortez Editora.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. 1960. *O processo de assimilação dos Terena*. Rio de Janeiro: Edição do Museu Nacional
- _____. 1964. *O índio no mundo dos brancos: a situação dos Tikuna do Alto Solimões*. São Paulo: DIFEL.
- _____. 1966. Urbanização e tribalismo: a integração dos Terena numa sociedade de classe. Tese de doutorado, São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, mimeo.
- _____. 1968. *Urbanização e tribalismo*. Rio de Janeiro: Zahar.
- _____. 1992. "Depoimento: rememorando um Programa". *Comunicação do PPGAS*: 45-56.
- _____. 1999. "Roberto Cardoso de Oliveira, anexo: curriculum vitae". In: G. Deber (org.), *Roberto Cardoso de Oliveira: professor emérito da UNICAMP*. Campinas: UNICAMP. pp. 51-95.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Luis Roberto. 2008. "Remembrances of David". Discurso proferido enquanto presidente da ABA, por ocasião de uma homenagem póstuma na Universidade de Harvard, Cambridge (USA), Ms.
- CHARTIER, Roger. 2005. *Inscrire et effacer. Culture écrite et littéraire (XI-XVIII siècles)*. Paris: Gallimard/Seuil.
- CHAYANOV, Alexander. 1966. *The theory of peasant economy*. Homewood Illinois : American Economic Association / Irwin
- CORREA, Mariza. 1995. "A antropologia no Brasil (1960-1980)". In: S. Miceli (org.), *História das ciências sociais no Brasil*. São Paulo: ANPOCS/Sumaré. vol. 2. pp. 25-106.
- _____. 2003. *As reuniões brasileiras de antropologia: cinquenta anos (1953-2003)*. Brasília: Associação Brasileira de Antropologia (ABA).
- _____. & LARAIA, Roque de Barros. 1992. *Roberto Cardoso de Oliveira: homenagem*. Campinas: UNICAMP.
- DAMATTA, Roberto. 1976. *Um mundo dividido: a estrutura social dos índios Apinayé*. Petrópolis: Vozes.
- DAVIS, Shelton. 2008. "Diversidade cultural e direitos dos povos indígenas". *Mana. Estudos de antropologia social*, 14(2):571-586.
- DEBERT, Guita. 2006. "Apresentação". In: *Roberto Cardoso de Oliveira: professor emérito da UNICAMP*. Campinas: UNICAMP. pp. 5-8.
- DEZALAY, Yves & GARTH, Bryan. 2002. *La mondialisation des guerres de palais*. Paris: Seuil.
- FARIA, Luiz de Castro. 1992a. "Uma antropologia social tupiniquim?". *Comunicações do PPGAS*: 23-44.
- _____. 1992b. "Devoção antropológica: as quatro estações de uma via triunfal". In: M. Correa & R. Laraia (orgs.), *Roberto Cardoso de Oliveira, homenagem*. Campinas: Ed. Unicamp. pp. 9-16.
- _____. 1993. "A antropologia no Brasil: depoimento sem compromissos de um militante em recesso". *Antropologia, espetáculo e excelência*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ / Tempo Brasileiro. pp. 1-25.

- _____. 2001. *Um outro olhar: diário da expedição da Serra do Norte*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul.
- _____. 2002. *Oliveira Vianna, de Saquarema à alameda São Boaventura, 41-Niterói: o autor, os livros, a obra*. Rio de Janeiro: NUAP/ Relume Dumará.
- _____. (ed.). 2006. *Antropologia: escritos exumados 3- Lições de um praticante*. Niterói: EdUFF.
- FERNANDES, Florestan. 1959. *Fundamentos empíricos da explicação sociológica*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- GARCIA JR., Afrânio. 1993. "Les intellectuels et la conscience nationale au Brésil". *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 98:20-33.
- _____. 2004. "Une noblesse républicaine, Fernando Henrique Cardoso et la sociologie au Brésil". In: J. Heilbron, R. Lenoir & G. Sapiro (orgs.), *Pour une histoire des sciences sociales. Hommage à Pierre Bourdieu*. Paris: Fayard. pp. 305-322.
- _____. 2006. "Arqueologia do inconsciente nacional". In: L. de Castro Faria (ed.), *Antropologia: escritos exumados 3. Lições de um praticante*. Niterói: EdUFF. pp. 65-74.
- GODELIER, Maurice. 1966. *Rationalité et irrationalité en économie*. Paris: Maspero.
- HEILBRON, Johan. 2006. *La naissance de la sociologie*. Paris: Agone.
- IANNI, Otávio. 1962. *As metamorfoses do escravo*. São Paulo: DIFEL.
- KARADY, Victor. 2008. "Elite formation in the Other Europe (19th-20th Century)". *Historical Social Research*, 33(124):9-312.
- LARAIA, Roque de Barros. 1992. "A comunidade de origem". In: M. Correa & R. B. Laraia (orgs.), *Roberto Cardoso de Oliveira: homenagem*. Campinas: UNICAMP. pp. 17-24.
- _____. 2008. "Trajetórias convergentes: Cardoso de Oliveira e Maybury-Lewis". *Mana. Estudos de Antropologia Social*, 14(2):547-554.
- LEITE LOPES, José Sergio. 1992. "20 anos do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional/UFRJ". *Comunicações do PPGAS*:1-8.
- LEVI-STRAUSS, Claude. 1949. *Les structures élémentaires de la parenté*. Paris: Presses Universitaires de France (PUF).
- _____. 1955. *Tristes tropiques*. Paris: Plon.
- _____. 1956. "Les organisations dualistes existent-elles? ". *Bijdragen tot de taal-land en Volkenkunde*, Deel.112, 2^o Alfevering (republicado em *Anthropologie structurale*, cap. 8, pp. 147-180).
- _____. 1958. *Anthropologie structurale*. Paris: Plon.
- _____. 1960. "On manipulated sociological models". *Bijdragen tot de taal-land en Volkenkunde*, Deel.116.
- _____. 1962a. *Le totémisme aujourd'hui*. Paris: Presses Universitaires de France (PUF).
- _____. 1962b. *La pensée sauvage*. Paris: Plon.
- LIMA, Antonio Carlos Sousa. 2002. "O indigenismo no Brasil : migração e reapropriações de um saber administrativo". In: L. Sigaud, F. Neiburg, B. Estoile (orgs), *Antropologia, impérios, Estados nacionais*. Rio de Janeiro: FAPERJ/ Relume Dumará. pp. 159-186.
- LOUREIRO, Maria Rita. 1997. *Os economistas no governo*. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas (FGV).
- LOVE, Joseph. 1996. *Crafting the Third World. Theorizing underdevelopment in Romania and Brazil*. Stanford: Stanford University Press.
- MALINOWSKI, Bronislaw. 1922. *Argonauts of the Western Pacific*. London: Routledge.

- MARTINIERE, Guy. 1982. *Aspects de la coopération franco-brésilienne*. Paris: Ed. de la MSH, coll. Brasilia.
- MAUSS, Marcel. 1950. "Essai sur le don". *Sociologie et anthropologie*. Paris: PUF. pp.145-284.
- MAYBURY-LEWIS, Biorn. 1994. *The politics of the possible: the brazilian rural workers' trade union movement (1964-1985)*. Philadelphia: Temple University Press.
- MAYBURY-LEWIS, David. 1960. "The analysis of dual organizations: a methodological critique". *Bijdragen tot de taal-land en Volkenkunde*, 116:2-43.
- MICELI, Sergio. 1981. *Les intellectuels et le pouvoir au Brésil (1920-1945)*. Paris: Maison des Sciences de l'Homme (MSH) / Presses Universitaires de Grenoble.
- _____. 1993. *A Fundação Ford no Brasil*. São Paulo: FAPESP/ Sumaré.
- _____. 1995. "A Fundação Ford e os cientistas sociais no Brasil (1962-1992)". In: S. Miceli (org.), *História das ciências sociais no Brasil*. São Paulo: FAPESP/ Sumaré. vol. 2: 341-396.
- _____. 1999a. *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995), antropologia*. São Paulo: ANPOCS / Ed. Sumaré, CAPES, vol. I.
- _____. 1999b. *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995), sociologia*. São Paulo: ANPOCS / Ed. Sumaré, CAPES, vol. II.
- _____. 1999c. *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995), ciência política*. São Paulo: ANPOCS / Ed. Sumaré, CAPES, vol. III.
- _____. 2001. *História das ciências sociais no Brasil*. São Paulo: Sumaré. vol. 1.
- _____. 2002. *O que ler na ciência social brasileira*. São Paulo: ANPOCS / Ed. Sumaré, CAPES, vol. IV.
- PEIRANO, Mariza. 1981. *The anthropology of anthropology*. Ph.D. Thesis, University of Harvard, Ms.
- _____. 1992. *Uma antropologia no plural*. Brasília: Editora da UnB.
- _____. 2008. "Lembranças". *Mana. Estudos de Antropologia Social*, 14(2):563-570.
- PEIXOTO, Fernanda. 2001. "Franceses e norte-americanos nas ciências sociais brasileiras (1930-1960)". In: S. Miceli (org.), *História das ciências sociais no Brasil*. São Paulo: Sumaré. vol. 1. pp. 477-532.
- POLANYI, Karl. 1957. *Trade and market in the early empires*. New York: Free Press.
- POLLAK, Michel. 1979. "Paul Lazarsfeld: fondateur d'une internationale scientifique". *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 25:45-79.
- _____. 1985. "Fondation Ford: une politique de formatage en Europe". In: *Une identité blessée: études de sociologie et d'histoire*. Paris: Métailié.
- VELHO, Otávio. 1974. *Capitalismo autoritário e campesinato*. São Paulo: Difel.
- WOLF, Eric. 1966. *Peasants*. Englewood Cliffs: Prentice Hall.

Resumo

Este artigo busca compreender a profunda mudança de significado da palavra "antropologia" no Brasil, a partir da criação do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional; procura ainda estudar a relação entre a controvérsia científica entre David Maybury-Lewis e Claude Lévi-Strauss nos anos sessenta e a introdução da antropologia estrutural no Brasil. As inovações conceituais e metodológicas são postas em relação com a institucionalização da pós-graduação, abrindo assim perspectivas de profissionalização em larga escala para as novas gerações de praticantes. Para explicitar a eficácia da aliança entre os "pais fundadores" do Programa, são analisadas suas trajetórias sociais e intelectuais baseadas em diferentes capitais sociais, carreiras e prestígio. A consulta dos arquivos PPGAS/MN permitiu objetivar as expectativas e estratégias dos "pais fundadores" ao se aproximarem da Fundação Ford para obterem financiamento para ensino de alto nível e trabalho de campo regular. O estudo das características sociais e intelectuais dos diferentes participantes de controvérsias científicas internacionais permite entender como as relações de poder internacional imprimem suas marcas na evolução dos sistemas de pensamento.

Palavras-chave Significado da antropologia, Circulação internacional de ideias, Educação de alto nível, Controvérsia científica, Recepção de Lévi-Strauss no Brasil.

Abstract

This article examines the profound change in the meaning of the word 'anthropology' in Brazil following the creation of a Ph.D. program at the National Museum. It also studies the introduction of structural anthropology at the end of the sixties in light of the controversy surrounding kinship theory that opposed David Maybury-Lewis and Claude Lévi-Strauss. It relates conceptual and methodological innovations to the institutionalization of postgraduate programs, thereby opening the way for professionalization at a larger scale. In order to highlight the effectiveness of the alliance between the program's 'founding fathers,' the author reviews their social and intellectual paths based on distinct social capitals, careers and prestige. Examining the PPGAS archives allows to shed light on the expectations as well as the strategies of the 'founding fathers' around the time when they approached the Ford Foundation for funding both for higher education teaching and for regular fieldwork. Studying the social and intellectual characteristics of the different participants in international scientific controversies allows us to comprehend how international power relationships influence the evolution of systems of thought.

Key words Anthropology's meaning, International circulation of ideas, Higher education, Scientific controversy, Reception of Lévi-Strauss in Brazil.